

VIDAS PRESENTES

(2ª PARTE)

Otávio G. Tolentino

“Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais, exagerado...”
(Leoni/Cazuza/Ezequiel)

Ao meu caro, dileto e saudoso amigo Duda.

Prefácio

Este livro foi elaborado para a geração atual, fruto de um mundo globalizado, sem fronteiras, e de rápida adaptação. Geração *fast-food*, que não tem tempo para nada e digere tudo rapidamente, de raciocínio rápido e aguçado, que tem curiosidade por tudo, mas sem tempo para aprofundar-se em nada detalhadamente.

Assim são estas histórias: verdadeiras, porém rápidas. São independentes, têm vida própria, mas de fácil leitura e de rápida absorção. Para pessoas que, com medo de envolver seu coração, “ficam” ao invés de amadurecer uma relação. Desta forma estas histórias são curtas para não prender demais sua atenção e criar vínculos. Possuem temas variados que atingem o clímax na medida da curiosidade e disponibilidade dos seus leitores.

A leitura pode ser interrompida e depois retomada, como um *videogame*, que mantém o jogador no nível que estava anteriormente, ou pode ser acelerada, caso se empolgue e queira mudar para outros níveis.

Para os leitores mais habituados com a arte da leitura poderão degustá-lo como os enólogos que apenas provam uma amostra de vinho sem poder embriagar-se.

Rio, 13 de dezembro de 1997.

Otávio Gomes Tolentino

SUMÁRIO

Prefácio	4
A Primeira Moto a Gente nunca esquece. O Primeiro Tombo também.....	6
Compromisso Séri.....	8
Vestibular: O Momento da Decisão	10
Passeio de Camburão	12
Missão Impossível.....	14
Duelo com o Elo Perdido	16
Fogo: Uma Experiência Alucinante	18
Encontro com Deus	19
Festa Surpresa	20
Game Over	21
Uma Perda Irreparável	27
Corrida do Sino	28
O Preparo	30
Sábado no Célio de Barros	32
Um Caso de Amor.....	35
Quando a Estatística é Você.....	37
Vestibular: A Prova dos 9	39
Direção e Bebida	41
O Preço de um Joelho	43
Paranóia Urbana	45
O Poder da Transformação.....	47
Padrinho de Corpo Ausente.....	49

A Primeira Moto a Gente nunca esquece. O Primeiro Tombo também.

Não sei quantas vezes eu e meu irmão havíamos pedido uma moto a nossos pais. Éramos adolescentes, tínhamos uma casa de praia em Cabo Frio. Ficava à distância de 3 km da cidade. De vez em quando, no verão, íamos pra lá sozinhos. Meu irmão tinha 15 anos e eu 14. A diferença era de apenas 11 meses. Já estávamos cansados de percorrer aqueles km a pé. Já que quando passava das 23h não havia mais ônibus. Coisas do interior...

A estrada era de terra batida com cascalho e já tínhamos tomado corrida de cachorro, touro e outros animais.

Naquele final de semana uma surpresa. Papai nos levou a um depósito da cidade dizendo que tinha chegado uma encomenda para nós. Ficamos perplexos. Uma moto de verdade. Nem acreditei. Acho que pedimos tanto que conseguimos eliminar a capacidade de raciocínio dos meus pais. Afinal, já não agüentava mais aquela história de que os pais que davam moto para os filhos eram irresponsáveis, e acidentes então, parece que todo mundo que ficou aleijado já teve uma moto...

Meu irmão já sabia dirigir, pois tinha amigos que possuíam motos. E eu, bem... pilotar não deve ser tão difícil assim, e com certeza vou aprender rapidinho. Nada como botar a mão na massa. No dia seguinte, estávamos voltando da praia e resolvi que era hora de aprender. Meu irmão foi pra garupa, estávamos com todo o aparato de proteção que a imprudência recomenda, isto é: sunga. Meu irmão carregava em suas mãos nossas camisas, shorts e chinelos. Depois deste preparo eu estava pronto para a 1ª lição.

Pois bem, havíamos saído da cidade e estávamos na maravilhosa *highway* de terra e cascalho. Meu irmão dava as dicas necessárias para a arte da pilotagem.

– Acelera, passa essa marcha porra. Lá vem uma curva, abre pra fazer o pêndulo, chama uma pra baixo e entra com tudo.

Ainda bem que aquela moto não passava de 80 km/h. Estávamos indo bem. Faltava só a última curva e pronto chegaríamos em casa. Mais uma vez reduzi e abri pra fazer a curva como meu mestre havia ensinado. Oops! Surpresa... Havia um caminhão parado

na curva. Tudo bem, abri mais um pouco indo para a contramão. Isto é, estaria tudo bem se não viesse um ônibus em nossa direção.

Nestas horas a gente aprende muitas coisas rápido demais. Como, por exemplo, abandonar o barco. Senti a moto ficar mais leve. Acho que meu irmão não queria esperar para ver o quanto eu estava dominando aquela situação.

Não tentem lutar contra a física. A força centrífuga existe mesmo. Neste caso saí pela tangente. Quer dizer, teria sido melhor se fosse sobre a moto, mas aprendi tarde demais que não devemos nos apegar a coisas materiais. Quando meu irmão pulou, a moto ficou mais leve e derrapou na terra. Eu ralei uns 5 metros embaixo da moto com o cascalho lixando o meu corpo. Quando parei estava embaixo das pernas de uma senhora que acabara de sair de um mercado que ficava bem na curva. Ela dizia aos brados:

– A mãe de vocês deve ser maluca.

Coitada da mamãe. Nós a deixamos tão maluca que ela nos deu aquela moto. Eu estava tão preocupado com a moto que levantei e corri para averiguar os danos. Uma lanterna quebrada, manete empenada... ia sobreviver. Quanto ao meu irmão estava só empoeirado, e eu... bem, eu já tinha ouvido falar num filme bem antigo chamado “Sangue e Areia”.

Combinamos o seguinte, meu irmão iria na frente com a moto para preparar o ânimo dos meus pais depois eu apareceria. Tive que passar primeiro no chuveiro para limpar o excesso de areia nas feridas. Era dia de finados, estava um sol causticante, provavelmente 38° C à sombra. Acho que só o meu corpo não sabia disso, eu tremia mais que vara verde. Devia ser uma mistura da dor que eu sentia com a dor que ia sentir quando fosse apanhar. Do chuveiro fui direto para casa. Meus pais haviam estranhado quando meu irmão chegou sozinho carregando a moto. Sabe como é, eles podem não saber andar de moto, mas têm uma incrível sensibilidade quando percebem que ao invés dela te conduzir é você quem a carrega.

Já me esperavam apavorados, minha sorte é que eu estava tão arrebetado que eles se penalizaram e primeiro decidiram cuidar de mim. A surra; bem, ficou para a próxima vez.

Compromisso S\u00e9rio

– M\u00e3e, hoje tem um jantar na casa da minha namorada que voc\u00ea e o papai v\u00e3o ter de ir! – Ih, acho que ao inv\u00e9s de convidar fiz uma convoca\u00e7\u00e3o. Bem, devia ser o mais natural poss\u00edvel, mas como ser natural quando o passo que voc\u00ea vai dar decidir\u00e1 o rumo da sua vida?

Eu tinha 19 anos e namorava h\u00e1 dois anos e meio. Era uma mulher inteligente, meiga e prendada. Falei mulher, caramba ser\u00e1 que o Renato Russo nos conhecia. Estranho ele era de Bras\u00edlia e eu quase n\u00e3o sa\u00eda do Rio de Janeiro. Ademais, ele trocou os nomes. N\u00e3o \u00e9ramos Eduardo e M\u00f4nica, devia ser pra disfar\u00e7ar. Como havia dito anteriormente eu tinha 19 e ela 25 anos. Enquanto estava me decidindo o que estudar, ela j\u00e1 cursava a 2a Faculdade. Era determinada, tinha planos para o futuro, “festa estranha com gente esquisita eu n\u00e3o t\u00f4 legal ...”

Minha m\u00e3e queria saber por que eles deveriam ir, afinal eles n\u00e3o tinham nada a ver com o meu namoro.

– Ah, m\u00e3e tem sim. Sabe, chega uma hora na vida de um homem que a gente tem de tomar uma decis\u00e3o. Sabe como \u00e9, n\u00e9 ...? Futuro, casa, crian\u00e7as... E voc\u00eas s\u00e3o parte disso tudo.

– Pera\u00ed meu filho, n\u00e3o estou entendendo, ou melhor, n\u00e3o estou querendo entender. O que exatamente voc\u00ea quer dizer?

– Vou ficar noivo. – At\u00e9 eu me assustei. S\u00e1i de supet\u00e3o, eu ainda estava me acostumando com a id\u00e9ia e j\u00e1 tinha que defender a tese. Adolescente sofre. Se os pais soubessem disso n\u00e3o pressionariam tanto. J\u00e1 \u00e9 dif\u00edcil decidir, ter de manter a posi\u00e7\u00e3o, ent\u00e3o, \u00e9 outro problema. Eles devem saber, n\u00e3o \u00e9 poss\u00edvel. N\u00e3o creio que eles pularam esta etapa. Por mais que tentem disfar\u00e7ar j\u00e1 passaram por isso. Estou desenvolvendo uma tese : “Todo pai j\u00e1 foi adolescente” mas isso fica pra outra hist\u00f3ria...

– Meu filho voc\u00ea ficou maluco!... Vai Ficar noivo pra qu\u00ea?

– U\u00e9, vamos casar daqui a 6 meses.

– Vai se casar? Vai viver do quê? Você nem trabalha. E a casa, onde vocês vão morar? Como vão comprar as coisas? Meu filhinho você ainda está estudando. Ai meu Deus, tão novinho. Isto é uma loucura...

Até aí tudo bem, nenhuma surpresa. Era exatamente o que eu esperava. Ela poderia dar ataque por mais meia hora que era tolerável, mas sem mais nem menos tudo mudou inesperadamente. Ela parou, olhou pra mim e disse:

– Você é meu filho, eu te amo. Respeito a tua decisão, mas não concordo, por isso faça o que você quiser. A vida é sua, mas não vou dar nenhum apoio para esta atitude.

Confusão total. Não era isso o esperado. Afinal, as mães não são assim. Onde já se viu, indivíduos dotados de razão com raciocínio lógico e coerente destituído de emoção, isso não é mãe, pai talvez...

Óbvio que teve jantar e noivado, afinal eu estava decidido pela emoção. Aquilo não era um teste com meus pais. É certo que fiquei com a sensação de que não era o que meus pais desejavam pra mim, naquela idade, mas eles gostavam da moça. Como minha mãe falou, estava por minha conta, então eu teria de prover o que fosse necessário para o casamento.

Quatro meses antes de casar terminei o noivado. Conversei com a noiva e com os pais dela, pois se eu havia pedido a mão dela em casamento tinha também que devolver...

Vestibular: O Momento da Decisão

Esta é uma fase difícil pra todo adolescente. As estatísticas mostram que 80 % dos jovens estão em dúvida acerca da opção que devem fazer. Para os pais, então, é um momento de grande ansiedade, pois dependendo da carreira escolhida, vai definir o futuro de seus filhos. Pode significar que serão independentes financeiramente ou que dependerão de alguém pro resto da vida.

Muitas coisas estão envolvidas. Como deverá ser decidida esta opção? Pela cabeça dos jovens, com tão pouca experiência e habitada por sonhos e ilusões, ou pelo conselho dos adultos, tão cheios de maturidade e razão? Será que existe meio termo nestas circunstâncias?

Era minha vez, estava com 18 anos e tinha que tomar a tão fatídica decisão. Pode um jovem decidir tão cedo por seu futuro com tão pouca base para esta decisão? Bem, esta questão não habitava o meu ser. Se alguma dúvida eu tinha naquele momento em minha vida era quanto a qualquer coisa, menos acerca do que eu ia fazer. Já estava decidido. Era óbvio e certo. Eu nem me sentia um adolescente tamanha a certeza e a determinação. Só tinha um pequeno problema, era hora de comunicar aos meus pais, e a dúvida era, será que eles concordariam?

Meus pais estavam tranquilos, imaginavam que as dúvidas eram toleráveis. Sabiam que eu estava terminando a Escola Técnica e já estava estagiando. Então, era fácil imaginar as opções, ou engenharia, o que seria uma decisão natural, ou medicina, com um pouco de desvio mas também seria uma imensa satisfação. Afinal, qual é a mãe que não quer ver o filho todo de branco? Já estavam aptos a me ouvir e comemorar. Queriam encerrar aquele momento com uma grande manifestação de apoio. Enfim, é nestas horas que a gente mais precisa deles. Então era engenheiro ou médico.

- Pai, mãe, como vocês sabem já decidi o meu futuro.
- Isso meu filho, fala.
- Não foi fácil pra mim, mas é algo que tenho certeza que vai me dar muita satisfação e tem a ver com tudo que eu vim fazendo todo este tempo na Escola Técnica.
- Nós imaginamos.

– Ah, que bom estava achando que vocês não concordariam, agora ficou mais fácil. Porque eu decidi fazer seminário, Teologia.

– O quê!? Ficou maluco, não é engenharia?

– Não, mãe, é Teologia mesmo. Você não lembra que eu fazia parte de um grupo jovem evangélico na Escola Técnica?

– Eu não quero nem saber. Meu filho, você é inteligente, pode tentar engenharia, medicina qualquer coisa. Agora vem com essa, eu vou te bater, mando te internar na FUNABEM. Não é possível, não deve estar regulando bem. Vou mandar te prender, devem ter feito lavagem na tua cabeça, ai meu Deus...

Como a decisão era minha e a vida também, claro que fui pro seminário, apesar de toda a tristeza dos meus pais. Mais uma vez, afirmaram que me amavam, mas não dariam nenhum apoio para aquela decisão. Devo agradecer a Deus por ter me dado estes pais, acho que deve ser muito difícil lidar com filho que foge dos padrões sem que apelem para a autoridade. Os meus pais foram mais inteligentes, nunca me desafiaram. Assim ficava por minha conta avaliar se a decisão que eu havia tomado era a melhor para mim mesmo. Desta forma, as decisões difíceis da adolescência parecem ter um peso bem menor.

Passeio de Camburão

Certa feita, os ofícios da labuta me transmutaram para Curitiba. Era Domingo à noite e eu resolvera dar uma volta pelas cercanias do hotel. O hotel ficava no centro da cidade. Era um lugar bem agradável.

Comecei caminhando por uma praça próxima ao hotel. Percebi que dois moleques vinham em minha direção. Um deles me deu uma trombada. Só não sabiam que estavam tentando roubar um filho do Rio, nascido e criado na terra da malandragem. Portanto o golpe foi mal sucedido, mas por precaução resolvi retornar para o hotel, afinal não queria abusar da sorte.

No caminho de volta conheci duas meninas que percebi, decididamente, não eram trombadinhas. Preferi identificá-las como um comitê de recepção. Depois de nos apresentarmos, elas me convidaram para ir a um bar ali perto. O bar ficava no 2º andar de um sobrado.

Sentamos, pedimos bebida e começamos a conversar. Depois de algumas bebidas e muita conversa, uma das meninas se levantou, pegou o cinzeiro da mesa, deu cinco passos e do meio do bar, lançou o cinzeiro na direção de uma mesa que estava na sua frente, distante uns 3 metros. Que pontaria, deveria ser convocada para a próxima Olimpíada. Acertou em cheio a testa de um sujeito. O sangue começou a jorrar imediatamente do corte realizado. Em frações de segundo, um garçom surgiu do nada, pegou a garota e a empurrou escada abaixo. Eu já estava preocupado se teria de pagar couvert artístico, pois aquilo tudo estava muito engraçado. Parecia cena de filme do Charles Chaplin.

Eu estava em posição privilegiada assistia a tudo de camarote. De repente, ela surgiu das escadas no salão do bar, e instaurou-se uma confusão total. O rapaz foi tomar satisfação, o garçom se intrometeu, a menina que estava com o rapaz também, parecia que todo mundo era parente. Virou uma confusão generalizada.

Sentado estava e sentado continuei assistindo a tudo fleugmaticamente. Passados uns 15 minutos surge a polícia. E qual não foi a minha surpresa quando ao conterem a possuída vieram até a nossa mesa e recolheram, também, a mim e a outra menina.

Percebi naquele momento que nos encaravam como um time. Pelo fato de estarmos juntos, fomos confundidos, como se fizessemos parte de uma equipe.

Quando resolvi entender aquela história, já estávamos dentro do camburão, sendo levados para uma delegacia. A amiga da menina que lançou o cinzeiro me explicou que o cara era o namorado dela, e que tomou a cinzeirada porque estava no bar acompanhado. Dei graças a Deus por ela tê-lo visto primeiro, pois se fosse o contrário não sei quem ele poderia ter acertado.

O fato era que a guria não parava de falar. Já estava irritando até os policiais, foi quando resolvi me intrometer. Tinha que reverter aquela situação. Afinal, onde já se viu um representante da classe burguesa carioca a caminho de ser fichado numa delegacia, nem pensar.

Consegui convencê-los que aquilo tudo se resumia a um caso passional e que seria mais fácil de resolver no próprio local. Então, fomos levados de volta ao bar. Uma vez fora do camburão, o rapaz com a testa aberta fez menção que ia embulachar a garota. Os guardas o seguraram. Eu dei três passos pra trás e lembrei que no hotel havia um quarto me esperando...

Missão Impossível

Fui escalado para implantar um sistema na fábrica de uma empresa em que eu trabalhava. Esta fábrica ficava em Salvador. Cheguei em Salvador no Sábado à noite. Fiquei imaginando o que fazer no dia seguinte, já que teria o dia inteiro. Era preciso pensar em alguma coisa. Eu não conhecia ninguém, não tinha nenhuma referência na cidade.

Adoro viajar, mas confesso que não sou uma pessoa normal, odeio excursão; então, esta opção estava descartada. Mas peraí, e aventura; bem, aventura é comigo mesmo, e por que não? Vocês já devem ter ouvido falar numa ilha chamada Itaparica? Pois é, lá tem um clube famoso: o Mediterranè. Eles permitem que se passe o dia lá, basta que se pague uma quantia e, então, as portas estariam abertas naquele Domingo. Praia particular, piscina, quadras de voley, almoço etc. Opa, tá fácil demais, qual vai ser a graça? Muito normal. Ah, já sei, e se eu entrar e desfrutar de tudo isso sem pagar. Não seria bem mais divertido se eu conseguisse invadir o clube, curtisse o dia inteiro, e depois saísse como um espião? Humm, interessante muito interessante...

Acordei bem cedo naquele Domingo, tomei café e embarquei no ferry boat rumo á ilha de Itaparica. Em lá chegando, peguei uma kombi até a praia que faz divisa com o clube. Surpresa, as divisas são fechadas e têm uma ponte com um segurança de cada lado. Na praia particular, dentro do clube, tem um segurança embaixo de cada coqueiro, todos munidos de rádio transmissor, meu velho conhecido walk talkie.

A tarefa era mais difícil do que eu imaginara. Mas, afinal, o que um espião profissional como eu esperava, moleza? Claro que não. Vamos lá, pense, pense, ponha seu instinto de sobrevivência para funcionar. Pronto, estava traçado o plano. Não ía ser fácil, mas era o único jeito.

Primeiro mato, depois pedras e por fim água. A primeira parte do plano havia dado certo, já estava dentro, tinha conseguido penetrar sem chamar a atenção da segurança. Passei toda a manhã me divertindo, jogando, estava aproveitando ao máximo. Na parte da tarde fiz amizade com um grupo de dança que apresentaria uma coreografia à noite.

Quando estava escurecendo, meus novos amigos me convidaram para entrar, pois me emprestariam roupa e, assim, eu assistiria a apresentação deles. Achei o máximo. Logo

começamos a passar do gramado para a parte interna do clube, ouvimos uns gritos e um dos seguranças veio em nossa direção. Perguntou se estávamos hospedados e pediu a identificação. Depois de todos mostrarem a identificação, falei para entrarem que os encontraria mais tarde. Como eu não tinha a identificação do hotel o segurança quis se certificar se realmente eu fazia parte daquele corpo de balé. Pediu que o acompanhasse. Só que ao invés de irmos para a recepção, percebi que me levava ao encontro de outros cinco seguranças.

Neste instante, entendi o que as corporações de espionagem querem dizer quando enviam um agente e avisam: “Se você for pego nós não te conhecemos e nunca ouvimos falar de você.” Ou seja, estava por minha conta literalmente sem pai nem mãe... Aliás, eles jamais imaginariam que eu me meteria em tamanha enrascada.

Parti para a única coisa que me restava naquele momento: a negociação. Fechamos o seguinte acordo: Nem eles seriam punidos por não terem me identificado antes e nem eu por ter invadido o “pedaço”. O único problema foi que não me deixaram sair pelo portão principal e tive de voltar por onde entrei. Já estava escuro e tive de encarar água, pedra e mato novamente, mas valeu...

Duelo com o Elo Perdido

Era um daqueles dias de verão. O sol estava escaldante. Eu estava me recuperando de uma cirurgia no joelho, tinha feito uma restituição de ligamento. As recomendações médicas eram pra ficar em casa sossegado. Não podia nem pegar sol no joelho para não causar problemas no processo de cicatrização. Sem falar que eu não podia apoiar o pé no chão, nem dobrar o joelho. Para me locomover fazia uso de um par de muletas. Mas como ía dizendo, era aquele Domingo de sol. Os amigos costumavam se reunir em um quiosque da praia da Barra da Tijuca.

Estávamos todos lá, sentados, tomando cerveja e jogando conversa fora. Depois de algum tempo, uma mulher se aproximou e sentou à mesa. Era conhecida de uma amiga nossa. Estava bêbada e com um papo bastante inconveniente. Os rapazes foram levantando um a um e agitando compromissos inimagináveis. Por fim, ficamos eu, que não podia andar, e ela, que não queria levantar. Passados mais uns cinco minutos me aparece, de repente, o “Homem de Neanderthal”. Era alto, forte, cabeludo (no corpo), careca (na cabeça) e namorado da intragável inconveniente. Sapecou-lhe um tapa com toda delicadeza, ela saiu imediatamente. Depois, “nosso amigo” carente afagou as minhas costas com dois safanões dizendo que iria resolver aquela situação ali mesmo, ou seja, queria me enfiar a “porrada”.

Não obstante de ser um lugar público, resolvi poupar o “nosso amigo” de passar vergonha e também saí ameaçando:

– Escute aqui, estou recém operado, sou baixinho e fraco mesmo assim vai querer me bater? – Parece que ele não entendeu. Eu deveria ter grunhido, mas já esqueci como se fala a língua dos nossos antepassados.

– Vamos resolver isso agora!... – ele repetiu.

Aí me enfezei, fiquei cheio de raiva e levantei. Assim que eu ía começar a correr, lembrei que não dava nem pra andar. Vocês não sabem o que é estar pra morrer e não poder fazer nada, é simplesmente terrível. Mas não ía ficar assim, eu não me entregaria sem lutar. Fui até o quiosque e pedi para o atendente: – ô meu irmão, me vê aí um revólver ou uma faca, por favor. – Parecia até que tava pedindo um sanduíche. O dono

do quiosque não entendeu e perguntou o que estava acontecendo. – Nada, é que este cidadão me desafiou pra porrada, como ele é o dobro do meu tamanho e eu não posso fugir vou encará-lo com o que der.

Quando olhei em volta o malandro não estava mais ao lado, na calçada, e sim embaixo, na areia. Continuava me chamando pra briga. Eu gritei – qualé quer me bater vem aqui em cima. – A fúria foi aumentando. Dei um jeito e desci até a areia. Quando cheguei lá embaixo, ele havia se deslocado para a quadra de voley ao lado. Aquilo já estava me irritando. Se é pra apanhar que seja com dignidade, mas se vou ter de perseguir o meu opressor então algo estava errado. Fiquei uma hora e meia esperando e nada. Um amigo ainda comentou comigo: – é, depois dessa acho que não te vejo mais por aqui! O quê? Agora é que eu venho sempre, com chuva, com sol, sábado, domingo...

Depois eu descobri que a queridinha pra salvar a sua relação ficava falando pro troglodita que eu estava dando em cima dela. Quando ele a viu na mesa conversando comigo pensou que fosse verdade. Artimanhas femininas, dá pra entender?

Fogo: Uma Experiência Alucinante

Estava prestes a tomar banho. Eu tinha algo em torno de 10 anos de idade. Liguei o chuveiro do banheiro dos meus pais, enquanto a água esquentava resolvi me entreter com uma experiência deveras interessante.

Você despeja álcool na pia do banheiro e depois acende com o fósforo. Cria uma chama azul que vai diminuindo à medida que o álcool vai se consumindo. Repeti estes passos algumas vezes. Quando já estava cansando de despejar álcool e acender fósforo tive uma idéia brilhante (entenda-se alucinante no sentido patológico da palavra). Consistia no seguinte: Por que esperar o fogo apagar? Para evitar acender fósforo bastava alimentar o fogo com álcool quando estivesse quase apagando.

A idéia era quase perfeita. Quando a chama estava quase apagando bastava entornar o fluido que ela crescia de novo, era uma beleza e; além de tudo, economizava fósforos. Já tudo bem até que numa dessas vezes despejei álcool demais e a chama veio consumindo o fluido até atingir a garrafa, que explodiu inesperadamente na minha mão. Os pelos do meu corpo começaram a queimar, imediatamente corri para o chuveiro evitando que o fogo atingisse a minha pele.

Quando eu estava fora de perigo é que percebi que o banheiro estava pegando fogo. Comecei a espalhar água do chuveiro pra todo lado tentando contornar aquela situação. Fico imaginando se Nero pôs fogo em Roma intencionalmente, ou se também brincava na pia do banheiro? Uma vez que o fogo estava dominado me dei conta que teria de explicar aquela ocorrência. E agora, como enfrentar os meus pais? O que dizer pra justificar o prejuízo? Como fazê-los entender que não havia má intenção naquela brincadeira infantil? E se eu tivesse morrido? Já sei, teria de abrir mão de alguma coisa, mas o quê? Ah...

Surgi no meio da sala, pálido, molhado, com os cabelos todos chamuscados, dizendo que eles não precisavam mais me dar o Autorama. Aí eles perceberam a gravidade da situação, pois eu passara todos os dias daquele ano perturbando o meu pai pra que me desse um Autorama e só uma situação muito grave mereceria aquela abnegação.

Encontro com Deus

Aos 15 anos de idade eu tinha muitas dúvidas, incertezas e indecisões. Não sabia, ainda, o meu papel na sociedade, e um grande vazio habitava a minha alma. Chegava a dar agonia. Eu vivia uma vida normal, mas parecia que não tinha a menor graça.

Estava num acampamento de jovens quando ouvi uma pregação e decidi que queria Deus em mim. Não havia decidido por uma religião ou seita, muito menos tradição, decidira que Deus me guiaria dali por diante.

Comecei a ler o Novo Testamento. De cara resolvi ser um discípulo de Jesus. As dúvidas que tinha, quando lia, perguntava para o padre da igreja que eu freqüentava. Queria respostas e recebia dogmas e tradições, logo entendi o que aconteceu com Calvino e Lutero. Também deixei de freqüentar a igreja, não queria mais ser enganado.

Minha fome e sede de Deus era tão grande que eu não aceitava intermediários. Tudo o que fazia era ler a Bíblia e orar 24 horas por dia. Deus já estava saindo pelos meus poros. Comecei a converter e batizar amigos na praia. Meus pais morriam de vergonha. Por onde andasse, só falava de Deus e Jesus. Até que resolvi freqüentar uma igreja evangélica, para conviver com outras pessoas que professavam a mesma fé.

Durante 5 anos não li jornal, revistas, não freqüentei cinema, praia, teatro... Tudo o que queria era fazer a vontade de Deus. Estas coisas que deixei de fazer não era porque me exigissem, mas porque eu achava que deveria ser assim. Ou seja, eu era mais radical do que os outros. Subia morro, visitava presídios, hospitais, pregava em praça pública etc. Na minha compreensão era isso o que deveria fazer, o resto Deus proveria. Deixei de viver a minha vida para servir a Deus.

Estava estudando no Seminário quando resolvi questionar tudo aquilo que vinha vivendo há anos. Questionei a Denominação, a Bíblia, minha fé e até a existência de Deus.

Enquanto a dúvida pairava no ar, decidi voltar para o mundo e viver a minha vida humana...

Festa Surpresa

Certa vez encontrei com Duda na cidade. Depois de conversarmos ele lembrou que meu aniversário se aproximava. Teve a idéia de fazermos uma comemoração com a galera da faculdade. Seria legal, fazia um bom tempo que não os via. Combinamos que ele se incumbiria de entrar em contato com todo mundo. Marcamos o encontro no Sábado em um bar de Ipanema.

Duda me ligou na Sexta e confirmou o evento. No Sábado à noite passei na casa da minha namorada para irmos ao bar. Ela não sabia do evento, afinal eu não costumava comemorar aniversários. Já ser uma saída comum. Quando cheguei na casa dela, ela pediu que eu subisse pois estava terminando de se arrumar.

A mãe dela atendeu a porta. Assim que entrei, surpresa..., havia um grupo de pessoas do meu trabalho e outros amigos também. Fiquei prostrado com cara de bobo. Todos me olhando sem saber definir se minha cara era de satisfação ou não.

– Gente, valeu, que surpresa agradável, só tem um problema, vamos ter de ir pra um bar em Ipanema, pois um amigo agitou uma festa e tem maior galera por lá!

– Peraí, não vai dar – disse a namorada – tem comida, bebida, uma porção de coisas. A festa é aqui, não dá pra ir pra lá, você deveria ter me avisado. Vamos ligar e chamar o pessoal para vir pra cá.

Telefonei mas o dono do bar não quis chamar ninguém e nem transmitir o recado.

E assim rolou uma festa surpresa lá no bar. Todo mundo me esperando e eu não apareci.

Game Over

Fazíamos uma viagem pelo nordeste, eu e meu amigo Duda. Já tínhamos rodado mais de 7.500 km de estrada. Saímos do Rio de Janeiro e fomos até Fortaleza. Agora estávamos na etapa final. Era a semana que antecedia o carnaval e íamos a caminho de Porto Seguro.

1ª Vida:

Era Segunda-feira, estávamos em Porto de Galinhas, um lugar bem aprazível no sul de Pernambuco. Aquele mar tranqüilo e cristalino nos convidava para um mergulho. Alugamos uma jangada e o condutor nos levou uns 500 metros mar adentro. O dia estava propício para mergulhar, céu azul, sol brilhante, mar claro, tudo perfeito pena que estávamos só com o equipamento básico. Isto é, máscara, snorkel e pés-de-pato.

Começamos a nadar em volta da jangada. Observei que, um pouco distante, no fundo, havia uma caverna de corais. Tomei fôlego e desci, antes de entrar percebi que havia claridade vindo do outro extremo. Como manda a prudência, não entrei, subi e fui nadando até o outro lado da caverna. Pronto, agora sim, tomei todo ar possível e afundei. A entrada ficava a 7 metros de profundidade. Na entrada parei para observar alguns peixes, o visual era fantástico, tinha que atravessar aquela caverna de qualquer maneira.

Entreí e fui atravessando até que percebi que estava ficando imprensado entre o teto da caverna e o fundo de areia. Ainda estava no meio da caverna quando dei conta que precisava respirar e sequer conseguia me mover. Nestas horas a gente lembra de todas as regras de mergulho, e o que é pior passa a dar razão. Na minha cabeça eu ficava ouvindo “nunca mergulhe sozinho”. Lembrei, também, que quando desci não avisei ao meu amigo o que pretendia fazer. Ou seja, ele não sabia que eu estava preso e sem ar numa caverna a 7 metros de profundidade.

O desespero era grande, eu sabia que ia morrer. Tinha que respirar, estava preso e não podia fazer nada. A sensação era de completa impotência. Será que alguma vez na vida você já se sentiu assim? O que você fez? Não deve ter sido fácil. A única coisa que me lembro é que decidi que não morreria ali, longe de casa. Enfia a mão na areia, puxa, força, machuca, continua puxando sem parar. Ficou tudo turvo. Não enxergava mais

coisa alguma. Foi quando dei conta que à medida que eu forçava o corpo pra frente, a distância entre o teto e o fundo de areia ia ficando mais largo.

Consegui sair da caverna, o problema era que a superfície distava 7 metros e eu tinha que respirar de qualquer maneira. E respirei, subia e bebia água, estava desesperado. O sal queimava os meus pulmões. Quando rompi o espelho d'água fui agarrado pelo meu amigo e o jangadeiro que me procuravam sem imaginar por onde eu andava, ou melhor nadava...

2ª Vida:

Era Quarta-feira à noite, estávamos em Salvador. Resolvemos ir ao Farol da Barra. Devido à proximidade do carnaval o local estava superlotado. Os trios elétricos se revejavam pela orla. Tinha tanta gente que ficava quase impossível ir de um lugar para outro.

Meu amigo cismou que queria ficar ao lado do trio elétrico. Pra isso teríamos que atravessar um mar de gente, o trio estava a uns 200 metros dali. Mesmo assim, começamos nossa empreitada. De repente, senti uma pressão no braço. Quando meu cérebro processou que aquela sensação era o roubo do meu relógio, meus braços aplicavam um “mata-leão” no meliante. Ou seja, meu reflexo foi mais rápido do que a minha mente, e naquele momento eu estava estrangulando o cara que tinha acabado de me roubar.

A adrenalina era tanta que eu não conseguia largar o cara. Chamei o meu amigo, ele não entendia o que eu fazia com aquele sujeito enroscado em meus braços. Expliquei-lhe o ocorrido, ele deu uma geral no sujeito, mas não encontrou o flagrante. Ou seja, o relógio já tinha sido passado adiante.

Eu estava lascado. Olhei em volta e não havia sinal de polícia ou de seguranças. Pra piorar, estávamos rodeados de uns 50 rapazes que mais pareciam estar a fim de proteger o transgressor do que a mim.

Um dos rapazes veio em minha direção, pensei que fosse começar a chacina. Inesperadamente, o rapaz me entregou o relógio. Fiquei estupefato, pois se fosse no Rio eles teriam se mandado e deixado o amigo para trás. No mesmo instante, larguei o indivíduo que enquanto respirava ofegante gritava com a voz embargada: – eu vou te matar.

Não precisava repetir, eu já tinha entendido o significado daquelas palavras, mesmo assim ele falou mais duas vezes. Se eu já tinha acreditado, agora, então, não restava mais nenhuma dúvida.

Parece que não foi só eu quem ouviu e acreditou naquelas palavras. As pessoas abriram um espaço ao redor. Eu lembrei que estava na Bahia, aquele sujeito querendo me matar, uma roda, eu já estava até ouvindo um berimbau... Foi aí que eu raciocinei,

já dei um “pescoção” no malandro, recuperei o meu relógio, não vou abusar da sorte e saí por uma brecha à minha esquerda aproveitando pra me misturar com o povo no meio da multidão.

3ª Vida:

Na Sexta-feira íamos de Salvador para Porto Seguro. Estávamos nas proximidades de Itabuna. Eram 3 horas da tarde, chovia torrencialmente. Devido à chuva, estávamos viajando na velocidade cruzeiro de 140 km/h. À nossa frente uma lombada em curva para a esquerda. No meio da curva, havia um ônibus vindo na nossa pista em nossa direção. Parecia um pesadelo, íamos colidir de frente, e naquela velocidade não sobraria nada nem ninguém pra contar história.

Albert Einstein desenvolveu uma teoria de que o tempo não existe, é relativo. Eu não tinha tempo pra fazer nada. Estávamos diante da morte. Talvez se eu desviasse só um pouquinho pra direita, não podia ser muito senão sairíamos para um acostamento inacabado e tomado pelo mato.

Não havia tempo para reduzir ou frear. Nem mesmo mão disponível, já que a mão esquerda segurava o volante e a direita estava de anteparo no peito do meu amigo, pois eu não conviveria com a culpa caso meu amigo batesse com a cara no vidro, embora estivéssemos de cinto de segurança.

Percebi, então, que não estávamos mais na frente do ônibus e sim do lado dele. Já estava quase relaxando quando dei conta que na ânsia dele voltar pra pista certa, a manobra fez a lateral do ônibus vir em nossa direção como um chicote. Aquele pesadelo não acabava nunca. Era praticamente impossível, mas se eu conseguisse sair um pouco mais para a direita então escaparíamos ilesos. Era incrível, inacreditável, de repente não havia mais ônibus, estávamos vivos.

Só que ao tentar voltar para a pista, o carro derrapou, e perdi o controle totalmente. Depois de tanto domínio preciso da direção estávamos, agora, completamente desgovernados. O carro atravessou a estrada e foi em direção ao acostamento da contramão. Naquele lado o acostamento era um abismo. Capotamos três vezes até o carro parar de lado contra uma árvore. Bendita árvore.

Gritei para o meu amigo correr, pois o carro ia explodir. Quando estávamos escalando a ribanceira caí na real, carro só explode em filme americano. Nossa, o que Hollywood faz com a cabeça da gente!

Voltamos pra pegar as malas. Naquela noite dormimos em Itabuna. No dia seguinte fomos de ônibus para Porto Seguro. Lá eu embarquei, em pleno Sábado de carnaval, para o Rio de Janeiro.

Afinal, quando você perde três vidas de uma vez tem que parar para fazer crédito, senão o jogo da vida acaba. E neste jogo só se joga uma vez!...

Uma Perda Irreparável

Duda era meu amigo. Éramos bem diferentes um do outro. Pensávamos diferente, agíamos diferente, tínhamos amigos diferentes, mas sempre planejavamos as férias juntos. Tínhamos ido para o Sul e para o Nordeste. Às vezes nas viagens precisávamos descansar um do outro e passávamos um dia inteiro separados. De qualquer forma éramos parceiros. Quantas vezes ele deixou de comer peixe só pra dividirmos o mesmo prato.

Ouvíamos as confidências um do outro, os sonhos, as fantasias, os projetos para o futuro. Duda era um espírito leve, solto, sonhador, adorava uma festa, era inteligente. As mulheres ficavam encantadas com o seu papo. Ele adorava praia, frescobol. Era o próprio menino do Rio, garotão, carioca da gema do ovo, criado nas praias da zona sul.

Finalmente tinha resolvido a sua vida, estava de mudança para Florianópolis. Já tínhamos ido várias vezes e ele sempre dizia que queria morar lá. Tinha conseguido. Estava se transferindo. Duda tinha criado um esquema para se despedir dos amigos e tentava ver e falar com todos sistematicamente.

Naquele final de semana ele havia me procurado na Sexta-feira, dissera que precisava conversar sobre alguma coisa. Eu tinha uma viagem marcada, inadiável, mas Domingo estaria de volta e o procuraria pra paparmos.

Domingo chegou, entrei em casa e tinha vários recados na secretária eletrônica de pessoas ligadas ao Duda e nenhum recado dele. Liguei imediatamente para a sua casa, atendeu outro amigo nosso dizendo que Duda caíra de moto e estava em coma no hospital Miguel Couto. Fui direto para o hospital, mas seu estado era grave, e não podia receber visita, nem mesmo ser removido.

Soube na Segunda de manhã cedo que Duda havia falecido. O aperto no coração foi tão grande que as lágrimas saltavam incontidas dos meus olhos.

Com o tempo descobri que Duda era mais que um amigo, era um irmão. Nem eu sabia a falta que ele faria.

Duda, meu irmão, aproveito para registrar uma coisa que nunca te falei: – eu amo você.

Corrida do Sino

Estava se aproximando o Natal. O Shopping Rio Sul ia ser inaugurado. Para registrar o fato estava marcado um grande evento: a Corrida do Sino. As pessoas cadastradas correriam com um guiso preso ao corpo por uma fita. Daria um efeito sonoro bem interessante. A corrida seria no Sábado às 10 horas da noite, e o percurso seria de 8 km.

O que eu tinha a ver com tudo isso? Decididamente, nada. Eu não fazia jogging, sequer estava acostumado a correr, e muito menos tal distância. Então como fiquei sabendo de tudo isso? Eu tinha um colega e um professor que corriam diariamente. Eles já estavam inscritos quando decidiram me convidar para participar do evento. Não precisaram insistir muito, me empolguei logo com a idéia. Combinamos de nos encontrar no Sábado para irmos juntos.

Eu não fazia a menor idéia do que seria correr 8 km. Na Sexta-feira, antes da aula, resolvi treinar numa praça perto de casa. Corri 3 km. Depois da aula meu colega disse que algumas pessoas iriam treinar, à tarde, na Quinta da Boa Vista. Eles, prudentemente, correram 5 km, e eu, ignorantemente, corri 8 km em 50 min. À noite, eu chegara a uma conclusão, depois de ter corrido 11 km sem nunca ter corrido, seria impossível correr no dia seguinte, pois as dores musculares haviam se apossado do meu corpo.

Era Sábado, a hora do encontro estava se aproximando. Eu havia pedido à minha mãe que me algemasse à cama, pois, apesar do meu corpo estar dolorido, vinha um desejo incontrolável de participar daquilo que seria uma verdadeira maluquice.

Na hora marcada eu estava onde meus colegas haviam combinado. Para piorar estava chovendo. O carro do professor deu uma pane próximo ao túnel Catumbi, tivemos que descer para empurrar. Estava tudo dando errado. Quando chegamos ao local, a largada já tinha sido dada. Desta forma combinamos um lugar de encontro na volta e cada um correu no seu ritmo. Lembro que logo na partida meu colega perguntou como eu me sentia, respondi sinceramente que só doía a coxa, a virilha, a panturrilha...

Nem acreditava que estava chegando. Depois de correr, caminhar e até andar, estava terminando aquele martírio. Quando cruzei a linha de chegada marquei o tempo de 38

min. Era um recorde, pelo menos pra mim. Na véspera, eu tinha corrido em 50 minutos, e agora em 38 minutos, eu havia me superado, não importava o tempo dos outros.

Fui ao local marcado, encontrei com os colegas, e aguardamos um pouco para ver a premiação e o sorteio. Ao término de tudo fomos para o carro, ou deveríamos ir. Acontece que quando dei o primeiro passo, dei também um grito. Meu corpo estava em colapso. Doía tudo generalizadamente, não havia uma dor localizada, ou melhor, o local da dor era em todo o corpo. Meus colegas tiveram de me levar no colo pro carro. Cada buraco que o carro passava era acompanhado por um gemido.

Ao chegar em casa, fui cuidado pela minha irmã, já que eu não tinha forças nem pra tomar banho. Passei uma semana sem conseguir subir escada, e só conseguia andar em lugar plano.

O Preparo

No ano seguinte, os mesmos colegas me chamaram para outra corrida. Desta vez Kenneth Cooper vinha ao Brasil para realizar a corrida da Primavera. O percurso era de 10 km, do centro da cidade até o Leme passando pelo Aterro do Flamengo. A hora da largada era às 4 horas da tarde. Lá ía eu participar de mais uma empreitada. Só que dessa vez eu me prepararia, não seria tão imprudente quanto da outra vez.

Eu tinha duas semanas antes da corrida e inventei o melhor método de treinamento que podia imaginar. Era uma mistura de treinamento físico com psicológico. Consistia no seguinte: Na Segunda-feira começaria correndo 2 km, na Terça-feira 3 km, na Quarta-feira 4 km. Depois descansaria os outros dias. Na outra Segunda-feira correria 5 km, na Terça-feira 6 km, na Quarta-feira 7 km. Então estaria apto a correr os 10 km no Sábado. Que os profissionais de Educação Física não leiam estas linhas, senão serei indiciado criminalmente por atentado à minha saúde física. Detalhe, o único horário que tinha para treinar era à noite, e a corrida seria no Sábado à tarde, no sol escaldante da primavera.

Imagine 10.000 pessoas aglomeradas na Rio Branco, esperando a largada. Eu me perguntava naquele momento: Por que um ser humano como eu fazia aquilo comigo mesmo? Não podia ser normal.

Foi dada a largada. Pra falar a verdade era mais parecido com um estouro de boiada. Muitos saíam correndo alucinadamente, outros tropeçavam, alguns caíam... Um dos meus amigos foi pisado no calcanhar e perdeu um pé do tênis logo na partida. Adiante, encontrei-o embaixo de uma árvore com o pé cheio de bolha.

Após aquela largada tumultuada, me concentrei na corrida, busquei o meu ritmo e segui viagem. Meus amigos já haviam se distanciado. Não era problema, eles estavam preparados, minha corrida era comigo mesmo e tinha que me superar mais uma vez. Ía tentar fazer uma corrida de recuperação, estava me sentindo bem, não havia dor, nenhuma lesão, a respiração ótima, o ritmo excelente, dava até pra acelerar mais um pouquinho. Já estava no Aterro, ali era o pior lugar, pois o sol castigava e havia muitas árvores no percurso, as sombras eram uma tentação, mas eu ía conseguir, vamos lá Otávio.

Ei, olha quem está te esperando? Era meu colega, ía num ritmo mais lento que o meu, emparelhei com ele e repeti uma frase que ele havia me ensinado: “você pode se você acha que pode”...

– Vamos nessa – chamei-o e prossegui.

O dia estava lindo, o visual era fantástico. Só faltava a curva do hotel Meridien para terminar. Nem acreditei, nenhum desmaio, disposição excelente, estava em pé, nem precisei ser carregado. Fiz o percurso em 39 minutos, havia me superado mais uma vez. Estava me sentindo tão bem que percebi que treinar não é bobagem, na verdade, é o mais importante. Claro que o treino deve ser orientado, mas de qualquer forma aquele valeu.

Havia um problema de ordem amistosa, meu colega ficou um bom tempo sem falar comigo só porque eu cheguei na frente dele. Apesar dele ter treinado por 2 anos e meio, e eu só 15 dias, não significava que eu fosse melhor. Significava apenas que eu era imprudente e inseqüente.

Sábado no Célio de Barros

Anualmente a UERJ realizava sua olimpíada em Outubro. As faculdades competiam entre si em modalidades coletivas e individuais. Óbvio que alguém com meu espírito esportivo suicida não poderia ficar de fora.

Naquele ano a competição de atletismo foi num Sábado. Começaria a partir das 13 horas no Célio de Barros, isto é, na área de atletismo do Maracanãzinho.

Aquele Sábado amanheceu com um sol maravilhoso. Não tive dúvida, zarpei direto para a praia. Depois de pegar sol a manhã toda, dei-me conta do horário da competição, não daria nem pra almoçar, pois já estava em cima da hora. Fui direto da praia para o Maracanãzinho.

Comecei a participar das eliminatórias de diversas modalidades como: salto em distância, salto em altura, corrida de 100 metros rasos e 200 metros rasos. Quem já participou sabe o desgaste físico que estas eliminatórias geram. Pra piorar, os organizadores resolveram que naquele ano seria tudo disputado num dia só. Isto significava que os malucos como eu que não tinham qualquer especialidade iriam se matar até o fim do dia.

Quando deu 5 horas da tarde, meu organismo lembrou que não havia almoçado, estava desidratado e continuava sendo castigado pelo sol a pino.

Caiu a noite, mas o mormaço continuava. Eu não sabia se aquele calor vinha de fora ou de dentro do meu corpo. Estava descansando na arquibancada quando meus colegas da Psicologia me avisaram para não ir embora, pois haviam inscrito meu nome para participar do revezamento 4 por 400 metros. Aquilo era uma injustiça, provavelmente uma apelação, ou com certeza uma sacanagem. Eu estava quase morto, meu corpo estava fraco, não teria a menor condição de participar.

Na Psicologia tinha mais mulheres do que homens, então não havia escolha. Quer saber por quê? Nunca selecionávamos os melhores no futebol, no voley ou no que quer que fosse. Todos os homens tinham que participar, por pior que fossem, senão jamais conseguiríamos número suficiente.

Naquele momento só tinha quatro homens da Psicologia, então não havia escolha. Era participar ou participar? Isto mexeu com a minha sensibilidade auto-destrutiva.

Como todos sabiam ali não tinha inocentes, exceto a gente é claro. Dava pra perceber pelos uniformes e equipamentos. Cada faculdade escolhera a sua elite, na maioria eram atletas federados em cada modalidade. Na Psicologia não era assim que funcionava, por motivos bem óbvios já explicados anteriormente. No máximo, quando dávamos sorte, era um ou outro que se destacava individualmente. Mas naquele caso a disputa era em equipe. Cada um corria 400 metros sozinho com o bastão na mão e quando completava o percurso tinha de passar o bastão para o próximo companheiro.

Minha estratégia estava traçada, se é que podíamos chamar aquilo de estratégia. Quando fomos pra pista e vi todos aqueles caras com tênis de pino rindo da cara da gente; ou melhor, da nossa aparência, decidi que no mínimo tínhamos que dar muito trabalho para eles. A tática era denominada Kamikase e consistia no seguinte: 1) Elemento surpresa; 2) Desestruturar o inimigo e 3) Seja o que Deus quiser. Esta tática funcionaria da seguinte forma: O primeiro corredor teria que estar na frente nos 100 metros iniciais (elemento surpresa), depois deveria aumentar o ritmo para atrapalhar o ritmo do pelotão (desestruturar o inimigo) e depois tentar chegar pra passar o bastão numa das três primeiras posições se possível (seja o que Deus quiser). Em resumo, teria de fazer o papel de coelho e virar uma zebra. Os outros deveriam manter ou ganhar posições até o fim.

Isto ia contra toda a lógica do atletismo, mas se fôssemos seguir a lógica não precisaríamos nem competir, pois não teríamos a menor chance contra aquelas equipes. Por isso decidimos que seria assim, só faltava escolher quem seria o kamikase. Não precisou de “purrinha”, nem de “zerinho ou um”, voluntariamente me candidatei ao posto, acho que rolou uma identificaçãozinha.

Foi dada a largada, fiz tudo conforme o combinado. O único problema foi nos 100 metros finais quando perdi o controle do meu corpo. Vi um adversário me ultrapassando e outro tentando se aproximar. Meu corpo doía, minha cabeça mandava, mas as pernas não obedeciam, tinha chegado ao extremo da fadiga física, mas consegui passar o bastão em segundo lugar.

Dei alguns passos e caí no gramado do meio da pista, meu corpo começou a ter convulsões, eu delirava, tentava me levantar e caía, parecia um filhote de girafa dando os primeiros passos. Tentei torcer pelos meus amigos, mas estava lutando pela minha vida. Se saísse vivo dessa jurei que respeitaria mais o meu organismo.

Estava sendo carregado pelos meus amigos, me fizeram subir uns degraus e me colocaram um negócio no pescoço. Não entendi nada, meia hora depois o estádio já estava vazio. Todos tinham ido embora. Eu estava sentado com uma medalha de prata no peito e pensando se o preço tinha valido a pena?!

Um Caso de Amor

A gente passa a vida inteira querendo encontrar alguém que a gente ame de verdade. Claro que este amor tem que ser verdadeiro e correspondido, afinal o tempo de amor platônico já passou.

O problema é que nós não sabemos onde ele está. Às vezes procuramos anos a fio, e nada. Com o passar do tempo aperfeiçoamos nossas exigências. Quantas vezes dispensamos alguém só porque o cabelo não era daquela cor? Ou então, os olhos eram desse jeito? O nariz um pouco batatado?...

Acontece que com o passar do tempo também aperfeiçoamos nossas carências e ansiedades. E quando o amor da gente chega, vem com tudo. Às vezes vem com filho, outras vem viúvo, desquitado, até casado, pode vir mais novo ou mais velho... O amor é assim, um pacote imprevisível que a gente não cansa de desejar.

O meu veio assim: linda, maravilhosa, sedutora, inteligente, charmosa, ciumenta, gostosa... Ela mexia com as minhas entranhas. Tudo perdia o sentido sem a presença dela. Ela era o efeito da cor nos filmes preto e branco, o som do cinema mudo. Todos a admiravam. Onde quer que estivesse chamava a atenção pelo seu brilho. Homens e mulheres disputavam sua atenção.

Ela dominava a arte da sedução e tinha todos sob seus pés. Ninguém percebia seu domínio, as pessoas naturalmente se submetiam ao seu encanto. Apesar de extremamente louco e apaixonado eu era o único com poderes para perceber o quanto a sereia encantava com o seu canto.

Éramos companheiros de dança, música, viagens, aventuras, fantasias... Para perpetuar a relação só faltou uma coisinha fundamental: cumplicidade.

Nesta vida nada é perfeito. Quisera eu que o nosso amor se eternizasse como em todas as histórias românticas de final feliz. Porém, na vida real é diferente. Tem o dia a dia, a rotina, os parentes, as idiossincrasias, o ciúme, ah o ciúme...

O ciúme corrói, destrói a relação entre as pessoas. Transforma a vida colorida em preto e branco. Como a gente não pode separar e vem tudo no mesmo pacote, então, tem que optar.

Melhor era não te conhecer a ter que saber viver sem o teu amor...

Quando a Estatística é Você

Desta vez era mais simples. Seria uma cirurgia de rotina, pelo menos para o médico. Esta operação me liberaria, no mínimo, de 15 anos de uso de lentes de contato. Só quem usa sabe o ritual que tem que enfrentar diariamente: limpa, lava, ferve etc.

De fato era um caso de necessidade, a vaidade e oito graus de miopia confirmavam isso. Finalmente ficaria livre daquelas células de plástico que habitavam os meus olhos. Só de pensar em acordar e não precisar colocar nenhum acessório extra para enxergar seria ótimo.

A técnica já estava aprovada em todos os continentes. Eu não seria uma cobaia, e as estatísticas apontavam um resultado favorável para o paciente. A minha irmã tinha feito recentemente e estava muito satisfeita. Combinamos, eu e meu cunhado, que faríamos a cirurgia.

O oftalmologista era bem conceituado e bastante experiente na técnica da Ceratotomia Radial. Não haveria o menor problema. A cirurgia em si dura, no máximo, em torno de 5 minutos por vista. De acordo com a experiência do médico, nos foi indicado operar uma vista de cada vez, com um intervalo de 15 dias. A operação foi quase simultânea, o meu cunhado primeiro, e eu logo em seguida.

O resultado é imediato, você já sai enxergando. Depois de dois dias sua vida volta ao normal.

Passado uma semana da operação da segunda vista, eu me dirigia para o trabalho, estava sentado no ônibus quando, de repente, os meus olhos começaram a arder e a lacrimejar. Só aliviava quando fechava os olhos. Percebi que a claridade incomodava, ou seja, daquele momento em diante eu adquirira uma fotofobia acentuada (extrema sensibilidade à luz). Não havia nada que resolvesse a não ser ficar de óculos escuros ininterruptamente. É isso aí, tinha de usar os malditos óculos escuros, desde a hora que acordava até a hora de dormir.

Estava ficando muito grave a situação, pois até para ir ao cinema tinha que ser de óculos escuros. Você já se imaginou vendo televisão em casa com as luzes apagadas e

de óculos escuros? Pois é, os professores da faculdade pensavam que eu estava doidão!...

E o que os médicos diziam? Quer mesmo saber? Imagine? nada! Por quê? Eles avaliavam e não encontravam nenhum indício de qualquer problema de contaminação ou no processo de cicatrização. Ou seja, clinicamente estava tudo certo, perfeito. Mas o que me fazia ter aquela sensibilidade eles não sabiam. Digo, eles, porque foi reunida uma junta médica para avaliar o caso e a conclusão foi a seguinte:

– Já operamos mais de 10.000 pessoas e isto nunca aconteceu, significa então que você representa menos de 1% na nossa estatística.

Aquilo talvez fosse uma resposta alentadora para eles, não para mim. Era eu que não enxergava sem os óculos escuros. Do meu ponto de vista, eu era 100% da minha estatística. Na verdade, quando você não enxerga a “estatística” não tem a menor importância. Era um mistério da medicina do qual eu preferia não fazer parte. Aliás, estava mais pra pesadelo. Aquilo não acabava nunca. Foi um dia, dois, uma semana, um mês, dois meses, três meses...Eu já estava desesperado.

Já tinha me arrependido há muito tempo de ter feito a cirurgia. Aquilo que fora feito para corrigir e me livrar tinha se tornado a minha prisão. Tornara-me escravo daqueles óculos escuros.

Os médicos começaram a testar diversos produtos nos meus olhos até desistirem. Já tinha alcançado três meses e eu perdera as esperanças. Naquela altura herdei uma confusão visual. Antes eu só tinha miopia, tudo bem que era quase cegueira; agora, eu tinha astigmatismo nas duas vistas, miopia em uma e hipermetropia na outra.

Lá pelo quarto mês, Deus resolveu dar uma mãozinha. Um belo dia percebi que a claridade não incomodava mais tanto assim. Tirei os óculos e consegui tolerar a claridade. Assim, como veio o incômodo, também, se foi. Nunca mais voltou a dar problema. Nem eu, muito menos os médicos, entendemos como aquilo ocorreu, mas pelo menos a estatística, agora, é coisa do passado.

Vestibular: A Prova dos 9

Minha decisão estava mantida. A certeza era plena. Havia uma imensa satisfação em estar cursando o 2º ano do Seminário. As matérias me atraíam, os colegas e professores eram legais. A motivação estava a mil.

Havia um colega, em particular, que vivia buscando novas atividades, era irrequieto. Vivia escrevendo cartas na sala de aula, às vezes inventava histórias ou contos. Ele era originário de uma cidade do interior de São Paulo. Andávamos juntos freqüentemente. Até que ele teve uma idéia que o elevou à categoria de santo, pelo menos para os meus pais. Ele decidira que o Seminário não era suficiente na vida dele, então resolvera fazer vestibular para Direito, desta forma faria as duas faculdades.

Para variar, começou a importunar para eu também me inscrever. Já que poderíamos estudar juntos e, assim, daríamos força um para o outro. No princípio, rejeitei a idéia. Estava satisfeito, e o Seminário era o suficiente para mim. Depois, lembrei que poderia ser uma boa idéia. Minha mãe ainda estava incomodada pelo fato de eu ter optado pela Teologia. Estava fazendo uma pressão danada para eu tentar vestibular. Começou a dizer que se eu fizesse passaria para uma faculdade Federal ou Estadual. Aquilo já estava me incomodando.

Aceitei o desafio. Era muito fácil, bastava fazer o vestibular e não passar. Com certeza ela morreria de vergonha e nunca mais tocaria no assunto. Fiz a inscrição para Psicologia. Quando dei a notícia, ela pulou de alegria. Uma semana depois avisou que havia me inscrito no intensivo de um cursinho pré-vestibular. Entregou-me a matrícula e as apostilas, ela realmente estava dando a maior força.

Para manter meu objetivo eu traçara uma estratégia, seria infalível. Primeiro, avisei que se passasse para faculdade particular não cursaria, pois não tinha condições de bancar os estudos (tinha que cercar de todos os lados). O curso era de Agosto a Dezembro, comecei a freqüentar as aulas em Setembro. Não tinha caderno e não copiava a matéria. Não assistia a nenhuma aula de História, Geografia e afins, afinal odiava tais matérias e nunca tinha aprendido, e não seria justo agora que isto aconteceria.

A meu favor, tinha o fato de ter terminado o 2º Grau há 1 ano e meio e não lembrava mais de nenhuma matéria básica e fundamental para o vestibular. No Seminário o que eu estudava não tinha nada a ver com estas matérias. Para completar, em dezembro ia ter o intensivão (quando se revê todas as matérias). Neste caso, abandonei o curso no fim de Novembro, para não correr nenhum risco. Além do mais, se tivesse aprendido alguma coisa, então teria um mês para esquecer. Vocês acham que faltou alguma coisa? Vocês teriam mais alguma dica para quem não quer passar no vestibular?

Fui fazer a prova com a maior tranqüilidade do mundo, não tinha a menor obrigação de passar e fizera tudo para não saber nada. Depois das provas fui para Cabo Frio passar as férias. Estava tranqüilo e desligado do resultado. Não haveria a menor possibilidade de passar. Estava na praia quando minha mãe chegou sorrindo. Disse que falara com minha irmã e já tinha o resultado do vestibular. Como minha irmã estava tentando pela segunda vez para Odontologia, dei os parabéns por ela ter passado. Quanto a mim, bem sou mesmo um caso perdido.

– Otávio, sua irmã não passou, você tem que ir para o Rio fazer matrícula esta semana. Parabéns, você passou para o 2º semestre da UERJ’!...

“O Ministério da Saúde adverte: Estudar pode fazer mal para o Vestibular.”

Direção e Bebida

Terça-feira não era um dia que eu costumasse sair à noite. Embora, esta terça seria especial, haveria a inauguração de uma Boite em Copacabana. Para os convidados rolaria um desfile e a recepção seria boca livre. Era o suficiente para transformar a noite de Terça em uma noite de Sexta ou Sábado. O problema seria acordar às 6:00 h da manhã no dia seguinte. Conforme um dos 12 passos: “um dia de cada vez”.

O som estava demais, a frequência selecionadíssima. Estava tomando a primeira garrafa de vinho quando o desfile começou. Ao término do desfile, já estava na segunda garrafa de vinho. Era uma noite e tanto. Quando o desfile terminou, a Boite foi liberada e todos invadiram a pista. Quando dei conta, estava quebrando uma taça de vinho na pista de dança, pois não encontrara nenhum lugar próximo para apoiá-la. Percebi que, embora estivesse com pleno domínio das minhas faculdades mentais, após a terceira garrafa de vinho, aquilo era um sinal de que era hora de ir para casa dormir.

Após ter me despedido de todos, peguei o carro e rumava para casa. Era algo em torno das 3 horas da manhã. Quando cheguei na Lagoa Rodrigo de Freitas, achei estranho o carro cantar pneu na curva, já que eu estava a 80 km/h. Bem, isto era o que eu pensava, pois quando olhei para o velocímetro estava marcando 120 km/h. Engraçado, nem parecia, estava tudo tão tranquilo. Lembrei-me que a próxima curva era perigosa, até porque tinha duas placas, uma de cada lado, dizendo exatamente isso. Resolvi reduzir para entrar na curva...

Estranho, lembro que ia reduzir e não parar! Que esquisito, acho que o motor falhou, o carro estava desligado. Tentei virar a chave e nem sinal do motor, percebi que via as coisas nítidas demais, parecia que o carro não tinha pára-brisas. Imediatamente ouvi vozes perguntando se eu queria ajuda. Não entendi nada, ajuda pra quê?

Ai meu Deus! Cadê o vidro do carro? E essa porta amassada? O que o banco de trás está fazendo aqui na frente? Achei melhor sair do carro. A porta não abria, estava toda empenada. Saí pelo outro lado, quando olhei o carro por fora não acreditei que estivesse vivo. O carro estava destruído, minha cabeça doía muito, meu rosto estava dormente, tinha ralado as costas e acabado de ganhar uma nova cicatriz no braço esquerdo.

Tentei imaginar o que acontecera e não foi muito difícil. Simplesmente havia caído num sono profundo em segundos. Pela marca dos pneus no asfalto deu para deduzir que meu corpo pesou para a direita levando o carro para cima da calçada e fazendo-o chocar-se contra uma árvore. Devido à velocidade, o carro rodou e parou à distância de 1 metro da água da lagoa.

Eu diria, mais uma vez, que fui protegido, já que as escoriações foram mínimas comparadas às circunstâncias, já que para piorar nessa época eu ainda não usava cinto de segurança.

Registro aqui meus agradecimentos a quatro anjos que surgiram materializados em forma de policiais, que faziam a ronda na lagoa naquela madrugada e cumpriram com seu papel humanitário priorizando o meu bem estar físico do que o seu enriquecimento pecuniário.

O Preço de um Joelho

Certa vez encontrei com alguns colegas no futebol que comentaram estar treinando jiu-jitsu. Jiu-jitsu é um esporte que pratiquei há muito tempo. Para mim é como se fosse um caso mal resolvido. Daqueles que você não continua, mas quando vê ou ouve fica sempre com vontade. Combinei, então, de encontrá-los na academia para treinarmos juntos.

No dia marcado, eu estava lá com meu kimono velho e surrado. Esperei e nem sinal deles. O professor da academia me viu e perguntou se eu queria treinar. Já que estava ali, e não tinha sido só para levar o kimono para passear, resolvi aceitar o convite.

Vesti o kimono, fiz aquecimento por uns 5 minutos e comecei a treinar com um rapaz que, além de ser maior do que eu, pesava uns 20 quilos a mais. Para mim era normal, pois eu havia sido treinado por um professor luso-oriental que dizia: “se você for desafiado por um oponente maior, mais pesado e ou mais graduado, não recuse, pois se você ganhar é mérito e se perder era o esperado”.

Eu estava em busca do mérito quando o pus na minha “guarda” e fiz o movimento de “raspada”. O que se ouviu foi um barulho estranho, e eu senti uma dor lancinante no joelho. Pedi para que ele saísse daquela posição, e levantei sem conseguir me apoiar na perna direita. A dor era terrível. Eu não entendia nada de articulação e nem de ortopedia, mas dava para perceber pela minha experiência de vida que era algo muito sério.

Era hora de qualquer ser humano normal interromper tudo e ir para o hospital. Mas não eu. Minha dúvida é: ou eu não sou humano, ou não sou normal? Talvez, os dois ao mesmo tempo? Claro que para variar fiz o inesperado, comecei a tentar andar em volta do tatame até aquecer a articulação, e quando a dor ficou tolerável continuei a luta. Afinal, eu havia sido forjado por mais uma pérola da filosofia luso-oriental: “atleta não tem pé, não tem mão, não tem joelho..., portanto não sente dor”. Proponho que tudo que os professores digam para os seus alunos seja avaliado por uma comissão de direitos humanos com membros de áreas multidisciplinares, pois se os alunos se auto-destruírem não precisarão nem de adversários.

Imbuído desse espírito auto-destrutivo venci o combate. Quando pensei que poderia ir para o hospital, descobri que o convite havia de tornado um desafio. Um atleta de faixa mais graduada não gostou do resultado da luta e resolveu lutar comigo também. Eu disse que não daria, pois estava com o joelho avariado, sem falar que eu estava fora de forma, por fazer anos que eu não lutava. Como tudo parecia desculpa para não lutar, e eu sabia que não podia recusar uma disputa, principalmente após uma vitória. Acabei ficando sem alternativa e aceitei o desafio. Mais uma vez, indo contra todas as possibilidades alcancei a vitória. O cara ficou revoltado. Eu já não agüentava mais de dor e de cansaço. Porém ele pediu revanche. Lutamos mais uma vez. Ganhei de novo e dessa vez, sem apelação, fui embora.

Foi quando o joelho deu sinal de vida. Eu não conseguia andar. Quando percebi não havia mais joelho, e sim uma bola roxa no meio da perna direita. Fui direto para o hospital. Primeiro o médico fez “punção”, isto é, enfiou uma agulha e retirou quase ½ litro de líquido do meu joelho. Depois a radiografia acusou lesão de menisco e ligamento. O médico não acreditou que eu havia lutado três vezes com aquela lesão, pois era impossível devido à dor insuportável. Espero que no mundo existam poucas pessoas com síndrome de Super-homem, pois se houvesse um duelo de titãs quem levaria a pior seria, com certeza, o corpo destes pobres mortais.

O médico imobilizou a perna direita do calcanhar até a virilha. Deveria ficar imóvel por 10 dias para depois tentar fazer fisioterapia, para ver se recuperaria os movimentos, senão só com intervenção cirúrgica.

Paranóia Urbana

A violência nas cidades é algo de tirar qualquer um do sério. Antigamente, costumávamos nos gabar pelo fato do Brasil ser um país abençoado por Deus. Aqui não havia terremoto, furacão, vulcão, ataques terroristas, seqüestros... Bem, nada que o desenvolvimento não possa reproduzir.

Hoje, somos iguais ao 1º mundo, pelo menos na violência. Yes, nós temos banana, seqüestro, atentado terrorista e violência, muita violência.

Quando a situação está longe, não nos incomodamos. Enquanto for noticiário de televisão tudo bem. Mas quando é com o vizinho ou na sua família, então meu amigo, já começa a mexer com você.

E daí, o que fazer? Como reagir? Talvez o que vou contar já tenha acontecido com você, mas não se preocupe, não é coincidência e nem privilégio seu, somos apenas mais uma vítima desta selva urbana.

Já passara pela experiência de ter sido roubado num ônibus. O trauma é coletivo e foi bem assimilado. Posteriormente, levaram um carro que eu tinha comprado com o suor do meu rosto. No fim do mesmo mês, furtaram também uma moto que estava estacionada na frente do cinema. Fiquei desesperado, achei que fosse marcação, não era possível.

Passado quatro meses resolvi deixar de viajar para comprar outra moto. Uma semana de moto, e fui assaltado à mão armada. Aí meu amigo o problema é mais sério. Uma coisa é você perder um objeto valioso, e outra coisa é você ter que entregar sob ameaça de perder a própria vida. É impotência elevada ao seu máximo grau.

Daí em diante perdi a cabeça, virei bicho. Comprei uma arma, fiz dois cursos de tiro. Era o próprio Rambo. Andava armado diariamente. Durante um ano e meio fiquei torcendo para ser assaltado. Minha sorte é que nada aconteceu.

Quando a febre passou percebi que estava fazendo papel de palhaço. Um cidadão comum armado é o melhor otário que pode existir. Para começar, não é policial, não tem porte de arma. Se for pego numa “blitz” perde a arma e pega até dois anos de cadeia. Se tiver que encarar um ladrão não tem o mesmo sangue frio, nem a experiência

de tirar a vida de outro ser humano, ou seja, em vez de matar vai morrer na mão do marginal. Sem falar que se por azar tiver sorte de matar o marginal, não vai virar herói. Antes, nunca mais terá uma noite tranqüila de sono, e com certeza vai responder a processo criminal, ou seja, ficamos entre a cruz e a caldeirinha.

Descobri depois de toda esta crise que a melhor postura é a paranóia, ou melhor, uma atitude preventiva. Engraçado como pequenas coisas resolvem grandes problemas. Para início de conversa, assumo que isso aqui não é a Disneylândia. Faça seguro de todos os seus bens, carro, moto, apartamento, vida. O seguro ajuda a nos desprendermos materialmente das coisas. Assim quando alguém me rouba alguma coisa, não preciso arriscar a minha vida, pois a seguradora vai pagar pelo prejuízo. Tentar viver em cidade desenvolvida sem seguro não é fé, é burrice mesmo.

Tem mais, o que garante o sucesso de um assalto é o elemento surpresa, por isso não fique dando mole por aí, se liga meu irmão... Por exemplo, se você for buscar alguém, não fique parado no carro ouvindo música até a pessoa aparecer ou você sentir um cano frio no pescoço. Desça do carro, espere na portaria, mesmo que seja por um minuto, afinal assaltos acontecem em segundos. Fique sempre prestando atenção no que acontece ao seu redor, e na menor suspeita vá embora. É melhor sair fora do que pagar para ver. Claro que têm outras medidas de prevenção, estas são só algumas dicas.

Se você acha que ser Rambo é mais legal, o problema é seu. Só posso dizer que isto aqui não é Hollywood. Por outro lado, um pouco de “nóia” não faz mal pra ninguém e talvez prolongue um pouco mais a sua vida, se é que você me entende...

O Poder da Transformação

A vida é constituída de vários mistérios. Dentre eles se destaca o poder de transformar. Significa não ter de esperar as coisas virem prontas, mas adaptá-las para que fiquem adequadas ao modo que desejamos. Quando você consegue fazer isto, então, ficou poderoso. Quer dizer que você acaba de agregar mais um poder à sua vida.

Novembro é um mês especial, principalmente o dia 6. Não só porque ainda é primavera, muito menos por ser regido pelo signo de escorpião, mas pelo fato desse ser o dia que acumulo mais um ano à minha vida. E aquele ano seria radical. No dia 20 eu faria uma cirurgia delicada. A tensão era grande. Talvez, para dar uma aliviada, recebi dois presentes dos meus colegas.

Ainda tenho dúvida do sentimento que tive quando os recebi. Não consigo classificá-lo, foi, no mínimo, bisonho. Com certeza, vocês poderão me ajudar a diagnosticá-lo mais adiante.

Não tenho dúvida do gosto e nem da qualidade, pois foram caros. O primeiro foi um violão Di Giorgio, e o segundo uma bicicleta mountain bike de 18 marchas. A minha dúvida se resume à intenção e à finalidade, já que não toco violão e devido à cirurgia só poderia andar de bicicleta depois de 5 meses, ou seja, aquilo era uma verdadeira sacanagem.

Não economizaram para me sacanear. Logo de início quase fiquei “puto”. Foi quando algo dentro de mim me conteve. Para que ser imediatista? Eu não sou “Hemam”, mas tenho a força. Vou mudar esta situação. Agradei a todos pelos presentes.

Peguei a bicicleta e guardei no meu quarto. Afinal eu não era mais criança. Não preciso ganhar um presente e usá-lo imediatamente. Que raiva!...Atualmente moro na Barra da Tijuca e ando de bicicleta na ciclovia. O resultado é um ótimo exercício para o meu joelho operado.

Quanto ao violão? Imediatamente após a cirurgia, tive de ficar quase um mês de cama. Não podia apoiar o pé no chão para não correr o risco de comprometer o resultado da operação. Durante este mês arrumei cópia das letras das músicas que eu mais gostava, com as posições das cifras do violão. Comecei a tocar sozinho, e quando

aquele mês passou fiz uma reunião com a galera. Infernizei a todos com um recital de voz e violão. Não sei o que foi pior? Ainda hoje ocupo meus momentos de ócio com um pouco de cantoria.

Quando a gente quer, a gente consegue...

Padrinho de Corpo Ausente

Na vida há momentos que a gente precisa cumprir certos encargos sociais. Há encargos que são como fardos pesados, outros nos deixam a sensação de prazer e satisfação. Eu havia sido convocado para ser padrinho de casamento de um casal de amigos de Miracema. O convite me deixou bastante satisfeito, pois eu havia acompanhado aquele romance desde o início. Agora seria testemunha da oficialização daquele ato de votos de uma vida em comum.

Miracema é uma cidade que fica no noroeste do Estado do Rio de Janeiro e dista 280 km da capital. O casamento seria no Sábado às 5h da tarde. Eu me programara para viajar na manhã de Sábado. Daria tempo de sobra, já que a distância era percorrida numa média de 3 horas de viagem.

Sexta-feira à noite, eu estava voltando para casa quando ouvi um barulho no lado direito do carro, num reflexo virei o rosto na direção do barulho; e, imediatamente, meu rosto foi atingido por estilhaços do vidro que acabara de estourar. Senti uma dor horrível no meu olho esquerdo, que embaçou e começou a arder instantaneamente. Parei o carro e olhei no retrovisor. Meu rosto tinha vários cortes pequenos que sangravam deixando um aspecto assustador. Fiquei aterrorizado quando vi o reflexo do meu olho esquerdo no retrovisor. Além de estar ardendo muito, jorrava sangue de dentro do olho. Não enxergava mais nada, só com a vista direita.

Tomei fôlego, contive o pânico e me dirigi para o hospital Miguel Couto. Tinha caco de vidro pra todo lado. O vidro se espalhara por todo o carro, tinha vidro dentro da minha bota e até na minha cueca. A médica de plantão não sabia como agir. Falei para lavar o olho com soro fisiológico, se não fosse o certo pelo menos mal é que não faria. Aliviou um pouco, mas o olho continuava em brasas. 50 minutos depois, apareceu o oftalmologista de plantão. Fui levado para uma sala reservada, dava pena da precariedade dos aparelhos, eram velhos e obsoletos, não atendiam à finalidade mínima necessária. Após retirar os fragmentos de vidro do meu olho, o médico não pode dar um diagnóstico com precisão, mas alertou que o corte era na esclera e muito próximo do músculo do olho, se houvesse perda de pressão ocular, então eu poderia ficar cego. O melhor a fazer era consultar um especialista.

Imagine você o que passa na cabeça de uma pessoa que está prestes a perder a visão de um olho? O que você faria nesse momento?

Precisava ordenar meus pensamentos. Pronto, estava traçado o plano de ação. Amanheci na porta da concessionária para colocar o vidro no carro. Passei em casa e peguei roupa para cumprir o meu papel de padrinho. Peguei um colega que iria de carona comigo para Miracema. Depois liguei para minha mãe e pedi o telefone do meu oftalmologista, aquele que fez aquela cirurgia de correção de miopia, lembra? Minha mãe achou muito estranho eu ligar para ela cedo e pedir telefone de médico. Perguntou-me se havia algum problema, claro que eu disse que não. 1 minuto depois, minha irmã ligou perguntando qual era o problema. É incrível quando as pessoas te conhecem, não adianta nem disfarçar.

Localizei o médico e expliquei, por telefone, o que tinha acontecido. Ele pediu que o encontrasse no centro cirúrgico da casa de Espanha, na Rua do Riachuelo. Quando o encontrei e lhe mostrei o olho, ele mandou eu dar entrada na internação do hospital para fazer uma micro cirurgia urgente. Avisei que não podia demorar, pois tinha que viajar. Ele me olhou sério e perguntou: – Você quer ficar cego? – Fui para a cirurgia, tomei dois pontos internos, na parte branca do olho, e um ponto na pálpebra. Quando desci para o quarto, o médico pediu que o aguardasse para me dar alta. Já eram 2 horas da tarde, não daria tempo de esperar. Fugi do hospital, quando cheguei no carro já tinham dado o alarme, parecia fuga de presídio, tinha irmã, cunhado, pai, mãe, colegas...

Peguei o telefone e liguei para Miracema. Avisei o noivo para atrasar um pouco o casamento que o padrinho estava quase chegando. Quando ele soube o que houve, ameaçou-me dizendo que se eu aparecesse não teria casamento, já que o médico havia dito que eu não poderia forçar a vista, e é óbvio que era eu quem iria dirigindo.

Bem, assim foi o casamento que sou padrinho sem ter comparecido, mas só porque o noivo pediu, se dependesse de mim...